

## **O PROBLEMA DA IDENTIDADE PESSOAL NO ÂMBITO DO PRAGMATICISMO**

### ***THE ISSUE OF PERSONAL IDENTITY IN THE REALM OF PRAGMATISM***

**Luciane Rodrigues; Thaisa Reino**

UNESP-MARILIA

[lulucirodrigues@gmail.com](mailto:lulucirodrigues@gmail.com); [Thaisareino@yahoo.com.br](mailto:Thaisareino@yahoo.com.br)

**Resumo:** A proposta do presente trabalho é inserir o problema da identidade pessoal no âmbito do Pragmatismo, com base nos conceitos peirceanos de hábito, crença e signo. O problema da identidade pessoal consiste em saber o que faz com que uma pessoa seja a mesma ao longo do tempo, apesar do imponderável número de variáveis a que está sujeito e das inúmeras transformações biológicas e sociais às quais está constantemente se adaptando. Em nosso estudo, consideramos a identidade pessoal como um processo e não como um estado; um recorte temporal e epistêmico multifacetado, e sugerimos que os parâmetros de individuação não podem ser absolutizados. A identidade pessoal é vista, aqui, como algo flexível que se constitui através da ação da pessoa em seu meio, caracterizando uma história específica. No contexto do pragmatismo, argumentamos que na dinâmica de ajuste com o mundo, a pessoa percebe a si e ao meio simultânea e inseparavelmente, reavaliando constantemente as conseqüências de suas crenças, no plano da ação. Nesse sentido, a possibilidade de perceber e se ajustar se fundamenta na experiência significativa da pessoa em seu mundo. Na tentativa de explicitar a dinâmica da relação entre pessoa e mundo, que permite a emergência de signos específicos de uma história pessoal, investigamos a noção peirceana de hábito como um princípio da ação significativa. Defenderemos a hipótese segundo a qual o processo de construção da identidade pessoal envolve uma dinâmica de ruptura e ajuste de hábitos estáveis, formados historicamente a partir da continuidade entre pessoa e mundo.

**Palavras-Chave:** Identidade Pessoal, Ação Significativa, Hábito, Realidade Histórica, Pragmatismo

**Abstract:** *The purpose of this work is to introduce the issue of personal identity in the realm of pragmatism, based on the Peircean concepts of habit, belief, and sign. The issue of personal identity consists in knowing what makes a person the same one along the time, in spite of the imponderable number of variables that she/he is subjected to and the innumerable biological and social transformations to which she/he is constantly adapting herself/himself. In our study, we consider personal identity as a process instead of a state – a multifaceted temporal and epistemic cutout – and suggest that the parameters of individuation should not be taken as absolute. Personal identity is seen, here, as a flexible element that is constituted through personal action in her/his environment, featuring a specific history. In the context of pragmatism, we argue that in the dynamic adjustment to the world a person perceives herself/himself and the environment **simultaneously and synergistically**, always re-evaluating the consequences of her/his beliefs in the sphere of action. In this sense, the possibility of perceiving and adjusting is founded on the person's meaningful experience in her/his world. Trying to elucidate the dynamics of the relation between the person and the world, which allows the emergence of specific signals of a person's history, we investigate the Peircean notion of habit as a principle of meaningful action. We support the hypothesis according to which the process of constructing a personal identity involves a dynamics of rupture and adjustment of established habits, historically constructed from the continuity between a person and the world.*

**Keywords:** *Personal identity. Meaningful action. Habit. Historical reality. Pragmatism.*

\*\*\*

### ***O Problema da Identidade Pessoal no Âmbito do Pragmatismo***

“O que faz com que eu seja eu mesmo e não outra pessoa?” – ao nos deparar com tal questionamento, não nos inquietamos, pois temos uma forte impressão de que somos nós mesmos. Contudo, ao investigar as razões que nos dão essa certeza, a questão não é tão simples como nossa impressão intuitiva. Uma das versões do problema da identidade pessoal consiste em saber o que faz com que alguém permaneça o mesmo, isto é, a mesma pessoa ao longo do tempo, apesar do imponderável número de variáveis a que está sujeito, e das inúmeras transformações biológicas, psicológicas e sócio-culturais que ocorrem ao longo do tempo.

Em nossa abordagem, a identidade pessoal é vista como processo dinâmico que se constitui através da ação da pessoa em seu meio, caracterizando uma história específica. Fundamentamos nossa perspectiva sobre ação no Pragmatismo de Peirce, para explicar a relação entre pessoa e mundo como um fenômeno significativo. A ação das pessoas no mundo articula de modo contínuo signos específicos, formados historicamente, ou seja, ao longo do tempo. Argumentamos que a formação histórica dos signos, constitutivos do ambiente dos sujeitos, permite sua ação significativa. Desse modo, consideramos a ação significativa como um fenômeno experienciado através de signos. Tais signos estão presentes na vida das pessoas em virtude de uma história, que entendemos como a relação contínua entre sujeitos e mundo. A noção de formação histórica dos signos fundamenta, assim, um aspecto da identidade pessoal, a saber, a especificidade ou singularidade, contida na história de vida de cada pessoa, como veremos melhor adiante.

Teorias dualistas sustentam que há algo em nós que é imutável e imaterial, que se conserva em face às transformações, o que faria de nós os mesmos ao longo do tempo. Tais teorias constituem a concepção clássica substancialista. De acordo com estas teorias, o indivíduo é concebido isoladamente, como possuidor de uma mente imaterial (*res cogita*), reconhecida como um centro organizador fixo. Nessa perspectiva, o indivíduo tem acesso privilegiado aos seus estados internos por meio de processos introspectivos solipsistas. Tais processos têm como base o dualismo de substância que rompe a unidade do indivíduo promovendo uma cisão entre corpo e mente, ao considerá-los como substâncias de naturezas diferentes; uma material, outra imaterial.

De acordo com essas teorias substancialistas, algo imutável e imaterial constitui um estado de identidade pessoal, que o indivíduo expressa como seu “eu” ou “ego”. Esse estado é um tipo de potência do indivíduo, que não precisa acessar diretamente para se constituir enquanto pessoa. Ele nasce com esta substância, sendo assim algo inato.

Em nossa abordagem, em contraste, a identidade pessoal é construída ao longo do tempo, através de um princípio organizador, chamado, aqui, de realidade histórica. A realidade histórica garante aos sujeitos a possibilidade de constituírem-se enquanto pessoas, de acordo com sua relação contínua com o mundo, que propicia a ação significativa. Na visão do Pragmatismo, a ação significativa segue o princípio do hábito, uma tendência da mente à generalização, permitindo que uma pessoa tenha acesso a sua história através do reconhecimento de signos específicos.

Esse processo do pensamento, em contraste com os conceitos clássicos sobre a mente, não é considerado como algo interno, de acesso privilegiado ao sujeito, pois enquanto “realizado nos signos”, o pensamento tem uma característica externa e social. Externa porque além do pensamento ter a função de organizar a história de uma pessoa, através de signos específicos, o signo se fundamenta na sua relação com o objeto e o interpretante, sendo o objeto algo externo à pessoa. Social porque enquanto relacional, o signo recebe uma

característica comunicativa, ligando-se a outros signos: “todo pensamento é realizado nos Signos, e esta meditação tem a forma de um diálogo” (CP 6.481<sup>1</sup>).

Embora o signo não seja determinado pelo objeto a que se relaciona, sua Forma não é uma possibilidade infinita de interpretação. O signo como um meio para a comunicação de uma Forma funciona como a transferência de um hábito, incorporado no objeto, para o interpretante, de tal modo a influenciar o processo semiótico. As Formas obtidas por pessoas diferentes, se tratando de resolver, por exemplo, a mesma dúvida, têm um leque de possibilidades para variar, já que o objeto do signo é um complexo entre aquilo que se acredita ser o objeto e aquilo que o objeto realmente é; contudo, este último objeto não varia. Sendo assim, o objeto como realmente é determina o leque de possibilidades daquilo que se acredita ser o objeto.

Desse modo, a ação significativa, ou Semiose, é resultante do signo e não de seu intérprete, devido aos poderes que o signo tem de ser interpretado. Peirce ao definir o signo evita propositadamente um psicologismo ligado a uma mente interpretante que habita um corpo, tentando dar uma explicação lógica ao signo.

A noção de hábito compõe um dos princípios básicos do Pragmaticismo formulado por Peirce nos artigos *A Fixação das Crenças* (1877) e *Como Tornar nossas Idéias Claras* (1878). Este último se refere ao argumento de Descartes sobre idéias claras e distintas resultantes do critério apriorístico do conhecimento intuitivo, ou original. De acordo com Peirce, o critério de clareza e distinção deve ser suplementado por uma terceira condição que atesta que o significado de uma proposição, ou uma “concepção intelectual”, está em suas conseqüências práticas.

O estabelecimento de um hábito gera uma crença, sendo esta fundamental para guiar a ação de uma pessoa: “uma crença consiste principalmente em ser deliberadamente preparada para adotar a fórmula acreditada como um guia para a ação” (CP 5.27). Nesta citação, Peirce se refere a este guia como regra e esta como um fator objetivo. Peirce distancia seu paradigma de outros pragmatistas (por exemplo, James e Schiller), no que se refere à ênfase que dá ao conceito de generalidade do hábito, ao contrário de conseqüências particulares de uma crença. De acordo com o pragmatismo peirceano, o *hábito* é considerado como lei da mente, ou tendência à generalização (CP 7.515). A generalidade contida no conceito de hábito se deve à categoria da terceiridade dos fenômenos, que enquanto permeada pela secundidade, recebe uma perspectiva realista no que se refere ao reconhecimento de padrões da realidade, i.e. de condições externas, que dadas em qualquer experiência geram uma regra de ação.

O método pragmaticista se caracteriza, assim, pela orientação à conduta que, por conseqüência, se realiza ao se fixar uma crença. Em outra passagem, pode-se verificar que “a crença é estabelecida quando um hábito estável é formado, envolvendo o estabelecimento de uma regra de ação” (CP 5.397). A fórmula acreditada é um hábito que funciona como princípio geral da mente:

...algum princípio geral trabalhando na natureza do homem para determinar como ele irá agir, assim um instinto, no sentido próprio da palavra, é um hábito herdado, ou em linguagem mais apurada, uma disposição herdada. Mas já que é difícil ter certeza se um hábito é herdado ou é fruto do treino infantil e de tradições, devo deixar espaço para empregar a palavra “instinto” para estender-se a ambos os casos. Ora certamente temos hábitos de raciocínio; e nossos julgamentos naturais como aquilo que é um raciocínio bom de acordo com tais hábitos (CP 2.170).

<sup>1</sup> A obra de Peirce será citada, conforme a prática já estabelecida, como CP (seguido pelo número do volume e parágrafo), referindo-se aos *The Collected Papers of Charles S. Peirce*, manuscritos de 1866 a 1913.

Nesta citação, Peirce parece não atribuir a origem do hábito à herança biológica ou cultural, mas a ambas, referindo-se à expressão fenomenológica do hábito tal como instinto, em sentido bastante amplo. Com isso, superamos, de certa forma, o embate entre inato *versus* adquirido, atribuindo ao hábito ambos os aspectos. Não aprofundaremos este assunto, mas atentamos para sua importância com relação ao papel da terceiridade no entendimento da origem do hábito.

Na tentativa de explicitar a dinâmica da relação entre pessoa e mundo, que permite a emergência de signos específicos de uma história pessoal, introduzimos a noção peirceana de hábito como um princípio da ação significativa e esta como fundamental no reconhecimento dos signos específicos formados historicamente. São os signos específicos de uma história pessoal que torna uma pessoa singular. A noção de singularidade, aqui, é assim necessária para se conceber a identidade de uma pessoa. A identidade é vista como o reconhecimento de tais signos, expressando uma história significativa, que se refere à construção semiótica do universo fenomenológico.

Em resumo, até aqui, introduzimos os aspectos básicos da identidade pessoal, a saber, (i) a formação histórica dos signos, um processo dinâmico, que permite a especificidade de uma vida pessoal, e (ii) o reconhecimento de signos específicos pela pessoa, através de sua ação significativa, fundamentada no estabelecimento de hábitos e na continuidade entre pessoa e mundo. O processo dinâmico e a caracterização contínua da identidade se devem à interdependência ou co-evolução das pessoas / espécies com o mundo.

No contexto do pragmatismo peirceano, argumentamos que durante sua experiência, a pessoa percebe a si e ao meio simultaneamente e de forma intrinsecamente conectada, reavaliando constantemente as consequências de suas crenças, no plano da ação. Nesse sentido, a possibilidade de perceber e compreender a própria identidade se fundamenta na experiência significativa da pessoa num mundo fenomenológico.

O fenômeno se apresenta de formas próprias; as categorias mostram as peculiaridades dos fenômenos que são experienciados pelos sujeitos. Apontamos o aspecto da experiência perceptiva no conceito de pessoa, que se constitui tanto pela história do objeto como daquele que interage com ele, tornando a percepção um aspecto ativo; i.e. de ajuste entre sujeito e mundo. A noção de ajuste ajuda a entender de que maneira o sujeito percebe que suas interpretações da realidade estão baseadas em fatos, ou se são maus entendimentos que serão questionados pela realidade. Tal capacidade se deve, como mencionamos, à interdependência da pessoa com o mundo, que revela a continuidade entre ambos. A crença pode ser reavaliada no plano da ação, através da percepção da realidade e dos critérios de relevância que direcionam a ação. Os critérios de relevância emergem da co-relação sujeito e mundo permitindo ajustes e auto-correções.

Peirce explica que os sujeitos, quando se confrontam com a realidade, estão experienciando um fenômeno de surpresa, porque os fatos se contrastam com as interpretações, forçando-se a serem reconhecidos (Peirce *IN*: Turrisi 1997: 146-7). A experiência perceptiva permite que certo entendimento sobre o objeto seja corrigido por sua própria insistência em ser percebido como é de fato; contudo a percepção do objeto só é possível, dado que existe uma continuidade entre o sujeito e o objeto, relativa à formação histórica dos signos. Tal continuidade se deve à permanência de certas tendências ao longo do tempo, caracterizadas, aqui, como a formação histórica de hábitos que direcionam a ação. A continuidade é, assim, um pressuposto da ação significativa, que permeia a experiência de vida de uma pessoa, sua percepção e história singular, expressando a intrínseca relação entre sujeito e objeto.

Em nossa perspectiva, o sujeito é considerado uma pessoa, um ser vivo, semiótico e

auto-organizado. O termo sujeito é utilizado aqui como entidade lógica, passível de atribuição, contudo, sua constituição é de pessoa, no sentido mais básico do termo, aquele que tem uma vida pessoal. Não pretendemos resolver o problema da identidade pessoal, mas é possível delimitarmos aspectos do conceito de pessoa. A ação significativa é um desses aspectos, caracterizando a pessoa como um ser semiótico, conectado com o mundo indissociavelmente, pois organiza sua história através de sua relação com o mundo externo. Desse modo, determina sua conduta face ao passado em direção ao futuro, fazendo parte de uma rede de signos. O aspecto da ação significativa no conceito de pessoa garante, assim, uma característica relacional, comunicativa, que liga os signos dessa rede através da continuidade entre sujeito e objeto. Da relação entre pessoa e mundo emerge uma história singular, num fluxo contínuo de formação de signos, que compõe uma unidade dentro de um sistema complexo. É no movimento de adaptação e de correção de erros que a ação se torna significativa, respondendo ao confronto com o ambiente.

O processo de reconhecimento da identidade se realiza de modo auto-organizativo por se caracterizar pela criação e alteração de hábitos numa dinâmica de ajustes, que permite certa autonomia pessoal. A relação intrínseca entre pessoa e mundo se expressa em outro aspecto do conceito de pessoa, sua experiência perceptiva. Como vimos, a experiência perceptiva se caracteriza pela interdependência entre sujeito / espécies e meio ambiente, de acordo com uma co-evolução, que demonstra tanto as propriedades da pessoa, como do mundo num processo de ajuste e re-ajuste.

Desse modo, consideramos a identidade pessoal como flexível, ao se estabelecer através da ação da pessoa em seu meio, constituindo “um complexo processo de auto-organização que com o tempo adquire relativa estabilidade e autonomia na geração de hábitos” (GONZALES, BROENS e SERZEDELLO 2001). Ainda, o processo de construção da identidade pessoal, vista aqui como flexível, envolve uma dinâmica de ruptura e ajuste no conjunto de suas crenças e hábitos estáveis, se contrastando com uma fixidez, encontrada em teorias substancialistas que, como vimos, defendem a identidade como um estado.

Uma das implicações de nosso estudo nos leva a considerar a identidade pessoal como um processo e não como um estado; desse modo os parâmetros de identidade não podem ser individualizados ou absolutizados. Individuação para Peirce é mera negação: indivíduo implica díade, algo que se difere do mundo, seu ser interno nega o ser externo, enquanto pessoa implica diálogo, como vimos em sua caracterização social e comunicativa.

O que aqui consideramos singularidade ou especificidade, que caracteriza fundamentalmente o conceito de identidade, não se associa à noção de individualidade, pois esta recebe um sentido de amontoado, um conjunto de propriedades do ser, enquanto indivíduo, que o separa de todo resto. Em nossa perspectiva, em contraste, a personalidade recebe um sentido de vida pessoal, singular, mas relacional, portanto coletiva, pois junta a pessoa a outros signos, de forma entrelaçada. Nas palavras de Peirce:

Há aqui duas coisas muito importantes de que nos devemos certificar e lembrar. A primeira é que uma pessoa não é, em absoluto, um individual. Seus pensamentos são aquilo que ela está “dizendo a si mesma”, ou seja, aquilo que está dizendo ao outro ego que está surgindo para a vida no fluxo do tempo. Quando raciocinamos, é esse ego crítico que estamos tentando persuadir; e todo pensamento, seja qual for, é um signo, e é fundamentalmente da natureza da linguagem. A segunda coisa a lembrar é que o círculo de sociedade de alguém (no sentido mais amplo ou mais estrito em que essa frase possa ser entendida) é uma espécie de pessoa frouxamente compactada e, sob alguns aspectos, de um grau mais elevado do que a pessoa de um organismo individual (CP 5.421).

Se a pessoa fosse um individual, sua crença seria limitada a seu ser interno, a si mesmo, aqui, ela está num fluxo de pensamento comunicativo, portanto social (ou coletivo, CP 5.424). Relaciona sua dúvida e crença a diversos pensamentos, ampliando seu poder crítico e criativo. A pessoa se caracteriza, assim, por uma dinâmica interpretativa de forma a criar uma relação pessoal (que estabelece sentidos específicos), isto é, uma pessoalidade. Desse modo, sua identidade é reconhecida através dos signos específicos que estão ligados a ela, através de sua história de vida. A identidade pessoal é vista, nesse contexto, como singularidade, particularidade, especificidade, peculiaridade, formadas ao longo do tempo e de forma contínua, através de um processo dinâmico de ação significativa.

### Referências

- GONZALEZ, M. E. Q.; BROENS, M. C.; SERZEDELLO, J. (2001). *Sujeito, Auto-Organização e Identidade Pessoal*. In: Reunião de artigos publicados apresentados para a obtenção do título de Livre Docência, Unesp – Marília.
- PEIRCE, C. S. (1935-1958). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. (ed. Hartshorne, Weiss & Burks. Cambridge: Harvard Univ. Press.
- TURRISI, P.A. (ed.,1997). *Pragmatism as a Principle of Right Thinking: The 1903 Harvard Lectures on Pragmatism, Charles Sanders Peirce*. New York: State University of New York.